DIRETOR: Firmino de Vilhena

Redação, administração e oficinas de composição e impressão, propriedade e edição do director,

Avenida Agostinho Pinheiro, 1

Enderêço telegrafico

CAMPEÃO,,—AVEIRO

Decano dos jornais portuguezes

Ano 70.º—Numero 6:753—Sabado, 30 de julho de 1921

Campeão das Provincias

Fundado em 14 de fevereiro de 1852 por Manuel Firmino d'Almeida Maia

ASSIGNATURAS—Ano 3$80 Numero do dia, $10 centavos; atrazado, $12 centavos. Para alem-mar, 8$00; Brazil, França e Inglaterra, 14$00. A' cobrança feita pelo correio, acresce a importancia a dispender com ela.
A assinatura é sempre contada dos dias 1 ou 15 de cada mez e cobrada no começo de cada trimestre.
Não se restituem os originais.

Publica-se ás quartas-feiras e sabados

Não é da responsabilidade do jornal a doutrina dos escritos assinados ou simplesmente rubricados

PUBLICAÇÕES—Escritos de interesse particular, 55 centavos por linha. Anuncios na 1.ª pagina, 50 centavos por linha singela; na 2.ª, 35; na 3.ª, 30 e na 4.ª, 25
Anuncios permanentes, contrato especial. A todos acresce o imposto do sêlo, sendo sempre contados por medidas de corps. 10 e 8.
Os srs. assinantes teem o abatimento de 5 % nos anuncios e nos impressos feitos nas nossas Oficinas.

AS ELEIÇÕES DE AVEIRO

Tanto se tem escrito sobre a eleição de Aveiro, tanta noticia falsa se tem espalhado, tantas acusações me teem sido feitas, que chegou o momento de vir a publico dizer da minha justiça. Não venho fazer uma defesa. Dela não carece a eleição, que vai ser sujeita ao exame imparcial das comissões que hão-de julgá-la.

Venho fazer um relato das ocorrencias eleitorais mais discutidas. Os leitores que as apreciem com imparcialidade.

Na eleição do circulo de Aveiro não houve tumultos, nem violencias da autoridade, nem prisões. Apenas em Estarreja foram chamados á administração trez arrais de companhas de pesca da Torreira, que, a pedido de influentes monarquicos, projetavam trazer gente armada para a assembleia. Por outro lado, tinham por lá andado em vivas á monarquia e morras á Republica. Nem sei mesmo se na pacifica costa da Torreira chegou a estar deposto o regimen republicano e proclamada uma monarquia ribeirinha para uso daquela gente!

O facto é que se excederam os srs. arrais, não por iniciativa propria, mas por instigações alheias.

Chamados á séde do concelho na vespera da eleição, foi-lhes dado conhecimento da participação que havia contra eles, exigindo-lhes a autoridade o *compromisso verbal* de não alterar a ordem, pois nesse caso procederia contra eles com todo o rigor.

Em seguida foram mandados em paz a fim de poderem exercer o seu direito de voto e até de galopinarem a seu gosto.

Talvez se fosse outro administrador, tendo uma queixa escrita em suas mãos, lhes não desse liberdade. E ninguem teria que censura-lo.

Pelo menos em Estarreja a luta travou-se apenas entre republicanos e monarquicos Os chamados regionalistas republicanos não tinham ali votos, nem sequer ali eram conhecidos. Por isso os jornais monarquicos fazendo-se éco das comunicações do sr. conde de Agueda e do sr. dr. Jaime Silva, candidato a deputado monarquico, teem feito uma campanha violenta contra mim.

Ossos do oficio, e visto estar no meu posto de combate, não teria que me queixar das arremetidas dos adversarios se elas não fossem absolutamente injustas.

Os monarquicos trabalharam na eleição do concelho de Estarreja por todas as formas e processos.

As ameaças foram constantes, as promessas dum novo estado de coisas eram terminantes e garantiram-se logares com a certeza de que a monarquia ia surgir, como por encanto, após o triunfo eleitoral de Aveiro. Mais do que isso. Alguns padres que por aquelas bandas são muito mais monarquicos do que catolicos e muito melhores caciques do que ministros de uma religião de bondade, começaram a falar ás consciencias em nome, não daquele Deus que é o simbolo da Paz, mas do Deus vingador e cruel que não perdoa aos homens o serem republicanos.

Os priores (tres foram eles!) pregam a guerra santa contra o regime. Na egreja, nas cerimonias funebres, nos conciliabulos das beatas fez-se a mais audaciosa propaganda pelo discurso e pela insinuação. Um disse que o Santo-padre escrevera aos bispos e estes aos parocos pedindo que votassem na monarquia porque só ela dava garantias aos bons catolicos. A um pobre velho da Murtosa tais coisas disseram que ele confessou que apesar de ter estado decidido a votar pelo governo resolvia votar contra, porque estava no fim da vida e *em breve teria de responder por esse grande pecado junto do divino Juiz*. Era a imposição clerical, autoritaria e estupida, tomando de assalto a consciencia das almas simples e crédulas dos homens da Beira-mar!

Pois apesar de tudo isto ninguem fez perseguições e esses sacerdotes foram votar livremente sem que ninguem os incomodasse. E sobravam motivos para outro procedimento.

Dir-se-ia que a Republica não era o regime que nos governa, tais as inconveniencias e os despropositos que contra ele espalharam, o que tudo constituia base criminal bastante que podia legitimamente ser aproveitada.

*

O acto eleitoral na Murtosa decorrou agitado, mas sem violencias nem tumultos graves. O sr. conde de Agueda, numa certa altura, deu um murro na mesa e clamou contra as chapeladas. O escrutinador sr. Bernardo da Silva, professor primario muito distinto, lembrou apenas ao ardoroso titular que ninguem daquelas terras tinha frequentado o curso que ele e os seus tinham feito em Agueda sobre o assunto, desde a votação dos 10:000 eleitores, que nunca existiram, contra Dias Ferreira, até ás chapeladas dos ultimos tempos. Foi remedio santo O sr. conde não insistiu.

Quando estive na assembleia, e pouco tempo nela me demorei, houve algumas discussões, como sucede sempre em eleições disputadas, mas nunca se excede o limite de uma acalorada controversia.

Mais tarde novo tumulto fez com que interviesse a força publica a pedido do presidente da assembleia. Pois afirmaram as gazetas que *eu comandara* a cavalaria para vencer o sr. conde de Agueda que, apesar de ser um forte adversario eleitoral, é afinal uma boa e pacifica pessoa. O que posso garantir aos leitores é que nem conhecia nem fiquei conhecendo o comandante da força, que cumpriu sempre o seu dever, obedecendo apenas ao presidente da mesa.

Não assisti ao final da eleição; mas sei que ao terem-se afastado, devido á intervenção militar, os membros da mesa, o sr. conde de Agueda e o sr. dr. Tavares de Sousa, seu logar tenente na assembleia, se atiraram denodadamente á urna abrindo-a e espalhando as listas pela sala.

Diz-se até que o sr. conde levara algumas no bolso para recordação do seu heroico feito.

Mas não foi verdade. Restabelecida a calma, tendo voltado aos seus logares o presidente e escurtinadores e recolhidas as listas, verificou-se que condiziam com o numero das descargas. E assim pôde concluir-se o acto eleitoral.

A votação foi favoravel aos republicanos. Estou certo que ninguem contestará que o governo possue ali uma enormissima força. Mas os monarquicos tambem alcançaram votos e deles falam as actas.

*

Das assembleias de Oliveira do Bairro, onde a oposição monarquica não tem um voto, de Beduido onde apenas obtiveram tres votos, e de Canelas onde um acordo feito antes e aceite por ambas as partes, atribuia aos monarquicos 60 votos, que após o acto eleitoral passaram a 68. não vale a pena falar.

As eleições decorreram sem um unico protesto.

Por outro lado a assembleia de Ilhavo deu ensejo ao sr. dr. Jaime Duarte Silva a fazer uma manobra eleiçoeira de grande tomo. O candidato monarquico apenas alcançara uma votação em torno de 210 votos. Pois tais coisas disse aos membros da mesa, que os levou a deixar alterar o escrutinio, fazendo passar a sua votação para 455 votos. Propôz egual numero de votos a um dos candidatos democraticos que supunha eleito, com o que lisongeou elementos republicanos que não perceberam o alcance da ardilosa proposta, e acabou por tirar a votação ao candidato liberal sr. dr. Tavares da Silva, que pretendia torpedear.

Ora digam-me imparcialmente se esta *habilidade* de alteração do escrutinio não é mais condenavel do que qualquer das pseudo irregularidades que atribuem aos governamentais nas outras assembleias!

As eleições de Aveiro foram em todos os tempos sempre agitadas e turbulentas. E' da indole daquele povo que traz a essas contendas um desusado calor. Pois a autoridade administrativa conseguiu desta vez que a ordem não fosse alterada, usando de uma prudencia porventura até exagerada.

Isso não impediu que um grande clamor se levantasse em torno do ultimo acto eleitoral, que teve como resultado o excluir do parlamento um deputado e um senador monarquicos.

Sob esse aspecto merecemos a campanha que os jornais desafectos ao regime nos teem movido.

Com ela podemos arcar, conscios de que, defendendo os nossos principios, cumprimos apenas um dever.

O que não é justo é que façam recair sobre nós responsabilidades que não temos e dirijam aos republicanos do distrito acusações que não merecem.

Mas isto é sina nossa! Pois se o circulo de Aveiro até tem o numero treze!

Egas Moniz.

Partido-republicano-português

As comissões politicas do Partido-republicano-português de Aveiro têem dedicado ultimamente o seu estudo e o seu carinho a todos os assuntos respeitantes á organisação politica local. A sua atividade, inspirada sempre nos mais elevados sentimentos de dignidade politica, tem-se exercido com uma excelente solidariedade de todos os seus membros. Prestamos-lhes a nossa homenagem, confiando na sua função reorganisadora.

Embora o *Campeão* e as comissões politicas do P. R. P. sejam entidades independentes, agindo sem a mais leve influencia reciproca, não queremos nós deixar de lhes testimunhar a nossa consideração pela função que estão desempenhando com tão superior criterio.

Ao Diretório e ao sr. dr. Barbosa de Magalhães foram pela Comissão municipal de Aveiro e outras enviados os seguintes telegramas:

Ao Diretório:

«As Comissões municipal e paroquiais de Aveiro, saudam o Diretório, manifestando o seu profundo entusiasmo pela maravilhosa afirmação de fé republicana do nosso partido no ultimo acto eleitoral. (a) *José Barata*. —Aveiro, 13-7-921.»

«As Comissões municipal e paroquial do Partido-republicano-português do concelho de Aveiro, reunidas em sessão magna, protestando contra as campanhas de difamação dos vultos prestigiosos da Republica do nosso distrito, resolveram por unanimidade testimunhar ao ex.mo sr. dr. Barbosa de Magalhães, membro do Diretório, a sua solidariedade politica. (a) *José Barata*, presidente da Comissão municipal.»

«As comissões politicas do P. R. P. de Aveiro, interpretando a vontade de todos os republicanos que afirmaram no ultimo acto eleitoral a sua intransigencia ás campanhas de odio politico e pessoal, protestam contra as noticias publicadas por certos jornais, contra o sr. dr. Barbosa de Magalhães, a quem afirmam a sua inalteravel solidariedade politica, rogando ao Diretório que as desminta, para tranquilidade da opinião republicana, revoltada com tais noticias.—O presidente da Comissão municipal.—(a) *José Barata*.»

«O «Centro republicano Barbosa de Magalhães da Murtosa», protesta contra a campanha de descredito politico feita contra o sr. dr. Barbosa de Magalhães, e presta todo o preito de homenagem ás suas altas qualidades politicas e intelectuais.—Pela direção, *Domingos da Conceição*.»

«ESTARREJA, 27—Comissões politicas do partido protestam contra a campanha que certa imprensa tem feito em volta da eleição de Aveiro pretendendo com ela atingir ss nossos deputados a quem prestamos toda a nossa solidariedade.—*F. d'Eça*.»

«VAGOS, 27.—A Comissão municipal politica de Vagos presta homenagem e solidariedade politica ao dr. Barbosa de Magalhães, alvo de ataque odioso da imprensa, a proposito do acto eleitoral.—Pela Comissão politica de Vagos (a) *Virgilio Silva*.»

«ILHAVO, 27.—A Comissão politica solidarisa-se com o dr. Barbosa de Magalhães contra a imprensa que sobre o acto eleitoral mantem verdadeira luta entre republicanos e monarquicos.—Presidente, *Santos*.»

«SEVER DO VOUGA, 27.—Comissão muicipal do P. R. P. de Sever do Vouga protesta energicamente ataques da imprensa contra o dr. Barbosa de Magalhães, prestando-lhe inteira solidariedade politica, pois tendo seguro conhecimento dos factos, afirma categoricamente terem estes sido deturpados.—Ppresidente, *Daniel de Almeida*.»

Ao sr. dr. Barbosa de Magalhães:

«As Comissões municipal e paroquiais de Aveiro, reunidas para assentarem nas bases de uma forte organisação partidaria, testimunha a v. ex.ª a sua profunda e inabalavel dedicação com a maior solidariedade politica, agradecendo as boas palavras de simpatia traduzidas no seu teregrama. (a) *José Barata*.—Aveiro, 13-7-921.»

«As comissões politicas de Aveiro felicitam v. ex.ª pelas duras verdades da sua carta no *Mundo* apresentando-lhe as melhores homenagens de estima inalteravel e solidariedade politica.—O Presidente da comissão, (a) *José Barata*.»

«Comissão municipal politica de Vagos presta a v. ex.ª a homenagem da sua solidariedade politica quando v. ex.ª é alvo do ataque odioso da imprensa a proposito do acto eleitoral.—Pela Comissão politica de Vagos.—(a) *Virgilio da Silva*.»

«A Comissão politica de Ilhavo, solidária com v. ex.ª, presta-lhe as suas melhores homenagens.—O Secretario (a) *Craveiro*.»

Todas as restantes comissões do distrito assim fizeram tambem, juntando-se no Diretório dezenas de telegramas no mesmo sentido.

Vêr secção de anuncios na 4.ª pagina.

Historia breve

São suficientemente conhecidas dos leitores as razões de ordem moral que originaram a nossa mais absoluta intransigencia com os chamados *regionais*, aos quais de começo prestámos a mais decidida parcela do nosso modesto concurso, para recebermos, por fim, com a prova provada do que são, a provada prova duma ingratidão sem limites.

Na certeza absoluta de não poderem já modificar a nossa atitude, e portanto de não poderem já ir alem nas suas desmedidas ambições, os *regionais* propozeram-se combater a lista republicana mancomonando-se com os monarquicos, perdendo as proprias minorias por um numero grandioso de votos.

Inventaram então os protestos contra supostas irregularidades e absurdos cometimentos, e, no firme proposito de levarem tão longe quanto pudessem a sua imoral campanha de odios, foram até aos jornais de Lisboa e Porto levar e pagar a noticia dum «formidavel escandalo», como eles lhe chamam, qual era o acôrdo estabelecido para o concelho de Agueda, onde em tempos da monarquia não eram necessarios acordos porque até os mortos votavam em recenseamentos de proposito feitos para cobrirem maiorias de todas as outras assembleias incluidas no circulo.

Veio, pois, a lume o «grande escandalo», por obra e graça dos *regionais*, já hoje conhecidos por denunciantes com quem ninguem mais trata assuntos de qualquer especie, salientando-se entre eles um que é a causa principal de toda esta luta e autor de toda esta tremenda série de intrigas, chegando escrever para o *Mundo* uma carta insolente, nos termos da giria *regional* e só dela, carta a que o nosso querido amigo e ilustre deputado, sr. dr. Barbosa de Magalhães, responde com a seguinte, publicada naquele mesmo jornal, e a qual o *Mundo* por sua vez antecede com palavras de creatura mal educada:

«*Sr. redator*.—Só hoje, por motivo de referencia dum amigo, pôde lêr a carta que nesse jornal publicou o sr. Alberto Souto, de Aveiro, e porisso só agora venho pedir a v. a publicação destas linhas.

Não merece o sr. Souto resposta. A sua carta define maravilhosamente o seu caracter e eu voto-lhe o mais profundo desprezo.

Mas como ele veiu a publico, ao publico quero vir dizer tambem que essa carta—pior que a celebre declaração do Damaso Salcéde, dos *Maias!*—é, alem do mais, uma série de falsidades na parte que me diz respeito e tambem ainda noutros pontos.

Não vale a pena discutir. Contraponho o meu desmentido ás afirmações do sr. Souto. E, se a carta, que o *Mundo* publicou ainda não bastar para alguns mais ingenuos e que menos o conheçam, aqui vai mais outra, que êsse sr. me escreveu, e em que, julgando-me por si, me queria pagar com umas acções dum *Banco regional*, que deu origem e dá explicação a todo o *regionalismo* aveirense da ultima hora, um relevantissimo serviço que ao mesmo banco prestei, evitando, pela aprovação dos respetivos estatutos dentro de 2 ou 3 dias, que fôsse ordenada cessação das suas operações—que lhe mandassem fechar as portas—por estar a funcionar ilegalmente.

Escreveu-me o sr. Souto:

«AVEIRO, 12.

Ex.mo amigo

Só hoje pude vir a Aveiro e em carro fechado pois que dêsde sexta-feira que tenho estado na cama com gripe.

Só por este motivo não compareci á sua despedida na estação onde tencionava ir pessoalmente e como representante do banco agradecêr lhe mais uma vez os altos obsequios que dispensou ao *Banco-regional*.

Desculpe-me, pois, mas foi impossivel sair de casa e da cama.

O *Banco-regional* não deixará de lhe manifestar o seu apreço por forma condigna na primeira oportunidade que esperamos muito em breve se nos ofereça.

E se o meu amigo nos dá licença passamos a conta-lo agora no numero dos nossos accionistas, pois as ações que lhe destinamos já estão pagas.

Cumprimenta-o afectuosamente o mt.º am.º ded.º e obg.

(a) *Alberto Souto*

A esta miseravel carta respondi com a seguinte, que não foi como devia sêr, por eu ter ainda uns restos de consideração por esse sr., meu antigo colega na camara, e meu colega como advogado:

Meu caro amigo

Recebi a sua presada carta, e, sentindo os incomodos que teve, agradeço-lhe as suas atecções e as do *Banco-regional* durante a minha estada aí e em relação ao meu regresso.

Apreciei deveras os agradecimentos do banco e creia que tive o maior prazer em ter contribuido para que tudo corresse pelo melhor, não só no interesse do banco, isto é, dos seus socios e clientds, mas tambem no da nossa terra, que muito terá a lucrar com o progresso dessa instituição.

O que fiz, foi com grande satisfação e nesses intuitos, que me pareceram dignos e nobres.

Nestas condições, e por todos os mais motivos que o meu caro amigo em sua boa razão e por seu bom caracter bem compreenderá e respeitará, eu não posso aceitar as acções do banco, que o meu amigo me comunica estarem-me destinadas.

Peço-lhe, que, como amigo, faça sentir isto aos seus colegas e lhes diga, porque o póde dizer, pois me conhece bem, creio eu, que eu não preciso de sêr accionista do banco para continuar a prestar-lhe todos os serviços que, como deputado, como aveirense, e como amigo, entendo do meu dever e desejarei sempre prestar-lhe.

E muito lhe agradeço, estimando o seu completo restabelecimento, e continuando ao seu dispôr, pois sou seu amigo afectuso, dedicado e obrigado—(a) *Barbosa de Magalhães*.—18-IV-20.

Que mais é preciso dizer?

Ha! Sim, o tal espantoso documento... Deixar que com ele façam a ignobil *chantage* tendente a *épater les buorgeois* e a conseguir a anulação de uma eleição, em que o sr. Souto, velho republicano dos tais que não deixa que ninguem o seja sem sua licença, andou de braço dado com os monarquicos a trabalhar pela eleição dos srs. dr. Jaime Silva e conde de Agueda, candidatos respetivamente a deputado e senador por Aveiro, sancionados pelo diretorio monarquico.

Lastimo, na verdade, ter assinado esse documento, mas porque nele puz a minha assinatura ao lado da do sr. Souto, que demais a mais representava uma creatura ainda pior do que ele, mais digna de despreso e nojo.

Foi esse o meu crime... que ainda assim teve a vantagem de trazer o sr. Souto a fazer o seu retrato moral na carta que o *Mundo* publicou.

Nêla, o sr. Souto, que se roe de inveja porque é um insignificante, e de odio, porque é um invejoso e mau, tendo a consciencia de que nada tem a perder, cospe sobre si proprio, e até sobre os seus amigos, para vêr se atinge, se *perde* quem, muito acima dêle, por ele tem o maior nojo e sente a maior repulsa.

E é assim, sujo com o proprio escarro e com a lama que sobre si ele proprio atira, que o sr. Souto tem o desplante de vir para publico falar em moralidade e prestigio da Republica!

Que desgraçado!

Agradecendo, sr. redactor, a publicação desta carta, subscrevo-me—De v. etc., *Barbosa de Magalhães*.»

A campanha tem sido tão violenta e de tal ordem, que, jornais a quem tudo se paga, apareceram com informações de todo o ponto carecidas de fundamento, como esta:

«O processo das eleições de Aveiro ainda não chegou a Lisboa, sabendo-se, porem, que o lacre que, na Camara-municipal, lhe foi colocado no dia do apuramento já desapareceu, ao que se diz, por indicações, ou ordens, dos srs. Barbosa de Magalhães e Egas Moniz.»

Isto é tudo quanto ha de mais infame e de mais tôrpe. Mas ha mais e melhor:

«Afirma-se que no Partido-democratico se manifesta a maior repulsa ácêrca do celebre acordo de Aveiro, o que póde dar origem ao afastamento do sr. dr. Barbosa de Magalhães, não só do Diretório, como do partido.»

Com tão revoltante descaro, ainda não vimos mais nada. Tudo afina pela celebre carta a que o sr. dr. Barbosa de Magalhães respondeu e que profundamente indignou toda a gente em Aveiro.

O *Mundo* tem de ha muito aqui uma resumida meia duzia de leitores. Se no dia em que publicou a carta que transcrevemos tivesse para aqui mandado mil exemplares, têl-os-ia vendido todos a alto prêço, Mas o *Mundo* anda sempre, de ha tempo para cá, ao arrepio das proprias conveniencias, e nesta questão da eleição de Aveiro patrocinando o maior e pior dos seus inimigos.

Atualidades

Ecos das eleições—Já lá vão vinte dias. Pois lembram como se fossem de ontem as varias cênas desenroladas á volta delas. O que aí se passou, nas duas assembleias da cidade e nas tres restantes, daria um volume. Compraram-se votos á bôca das urnas e nas imediações dos pontos de reunião, por todo o preço. O eleitor via-se assediado, e quando não ia a troco duma canéca de vinho, tinha de ir em face duma vociferação mais rija A uns seduziam-os as promessas, a outros rendia-os a força. Era a recapitulação de todos os velhos processos. Nada faltou. Nem o crê ou morres. Tiravam-se marinhas, ofereciam marinhas; tiravam-se fazendas, ofereciam-se fazendas; tiravam-se casas, ofereciam-se casas; exigiam-se dinheiros, ofereciam-se dinheiros. Nada faltou. E lá ia o pobre e misero eleitor, levado a reboque de promessas inexequiveis ou de ameaças que se poriam em pratica no dia imediato, arrastado, forçado, amarrado á sedução dumas e ao receio pelas outras, que não de livre vontade e portanto inconscientemente.

Fêz-se tudo isto nas cinco assembleias do concelho, trouxeram-se doentes de carro e automoveis, mandaram-se vir socorros de fóra, de individuos que ha muito cá não estavam, chegando até a aliciar-se gente que assistia ás nossas reuniões e lhes ia depois dar conta das resoluções tomadas.

Tudo isto se fêz porque em materia eleiçoeira não ha quem lhes leva as lampas ou quem sequer os iguale em gesto e arte. Até empregos se prometeram!

Mas, no que de tudo mais se pasma, é na falta de escrupulos com que se trazem, ainda em cima, algumas afirmações á imprensa.

Leiam isto, que faz parte de uma carta do sr. Alberto Souto ao *Mundo*:

«Jaime Silva e Manuel Alegre, que nos aguardavam e que tinham levantado mil objeções, foram por nós forçados a assinar. Manuel Alegre, com os seus enormes punhos cerrados, ficou umas poucas de horas a vociferar, rugindo contra a imposição que lhe fazamos por se considerar manietado.»

Afóra a maneira de dizer, que não prima pela seleção de têrmos, ha incoerencia e falta absoluta de verdade.

Se os srs. Jaima Silva e Manuel Alegre aguardavam os negociadores, isto é, se esperavam o resultado da *démarche* em que tinham ido, como é que levantaram mil objeções e foram forçados a assinar?

E que debilitada compreensão, a dos srs. Jaime Silva e Manuel Alegre, que visão errada dos homens e das coisas, que se lhes tornou necessario que os srs. Souto e Maximo lhes abrissem os olhos e lhes aclarassem o espirito com aquela sentelha de genuino talento que Deus lhes deu e a superioridade de vistas que sobre eles se atribuem!

Que infelicidade de escrita, e que tristeza de metodo de combater!

E' mais de dó, de comiseração, de lastima do que propriamente de indignação, o sentimento com que se lê semilhante escrito. Daria muito, talvêz já hoje, o autor da carta para a não têr produzido. Inutilisou-o. No proprio meio comercial, onde o sigilo dos tratados é uma coisa sagrada.

Já nada respeita o odio com que se combate e o espirito absorvente que inspira tal campanha.

Nós tambem cá temos um documento precioso, em que por esse mesmo espirito de absorvencia tudo se prometia ao sr. dr. Barbosa de Magalhães.

Declara-se nele haver-se aderido á politica reconstituinte, mas com exclusão de compromissos em Aveiro quando do seu concurso o sr. dr. Barbosa de Magalhães carecêsse. Fomos nós proprio o portador desse documunto quando, um dia, a nossa intervenção se tornou necessaria para que o sr. dr. Barbosa de Magalhães acudisse á situação do *regio-nalismo* em perigo e se determinasse em favor da venda de um estabelecimento bancario da cidade.

Tudo isso se fêz. A promessa constante desse documento é que se cumpriu agora como se vê: o *regio-nalismo* levantou-se em peso contra o sr. dr. Barbosa de Magalhães, a cuja sombra cresceu e medrou, e para o combater não hesitou até em aliar-se com os inimigos do regimen. Fêz aí a campanha de odios em que se imortalisou e se afundou, trazendo á discussão não já sómente os desprimores da prosa insulsa, mas até a divulgação de um documento por eles mendigado «por necessidade absoluta, no ultimo extremo e como ultimo recurso», e com a qual suposeram poder esmagar o prestigio pesssoal e politico do adversario.

Mas como amor com amor se paga, nós temos direito, de que não prescindimos, de trazer tambem a publico aquele interessante documento. Virá na oportunidade propria, que não é a de hoje ainda.

Por agora, resta acrescentar que é tão falha de verdade a afirmação de que o sr. dr. Manuel Alegre «cerrou os punhos rugindo contra o acordo que o manietava» que nós proprio fômos encontrar, por essa ocasião, á noite, o sr. dr. Manuel Alegre em casa do sr. dr. Barbosa de Magalhães, tratando o acordo, não com sua ex.ª mas com o sr. dr. Costa Ferreira e seu irmão. Assim é que foi. E o sr. dr. Alegre não é capaz de negar ou de esconder este facto.

Avalie o leitor, por aqui, de todo o contexto da carta do sr. A. Souto ao *Mundo*, do seu comêço até final.

Essa carta é o coval onde enterrou os seus creditos de jornalista e de *regio-nalista*. Feriu-se de morte no nodoso madeiro em que pretendeu crucificar o adversario.

E' homem á cóva, homem ao mar sem possivel salvação. Que a terra ou as aguas lhe sejam leves. *Parce sepultis*.

Do nosso ilustre colega lisbonense a *Opinião*, em seguida ao telegrama que daqui lhe foi enviado com a nota exata das votações extraídas do apuramento geral de 17:

«Vê-se, pois, pelos resultados acima expostos, que nem os anuncios de uma proxima restauração monarquica, nem a promessa de lugares rendosos e de isenção de contribuições, nem as pressões religiosas exercidas sobre os eleitores, nem as tropelias de toda a ordem postas em acção pelo sr. conde de Agueda e seus auxiliares agentes, conseguiram em Aveiro dar a vitória aos candidatos monarquicos. Foi mais um cheque sofrido pelos partidarios do regimen deposto e mais uma prova do que vale a grande força que arrogantemente alardeiam.»

Dr. Barbosa de Magalhães—O correspondente do *Seculo* em Paris comunicava-lhe ha dias:

«PARIS, 16.—O sr. dr. Barbosa de Magalhães foi nomeado juiz do «Tribunal permanente de justiça internacial», em Haya.»

O facto é deveras honroso para o paiz porque se sabe que Portugal é das nações pequenas a unica que ali foi admitida e ali terá voz ao lado das grandes nações, e a escolha, que é feita pelas primeiras capacidades juridicas da Europa, de entre professores de direito e advogados de mais alta categoria e prestigio, representa nada menos que o reconhecimento dos meritos inteletuais e profissionais do escolhido, que nas dificeis missões em que tem ido ao estrangeiro após a guerra, se revelou por maneira assim eloquente.

Folgamos e especialmente felicitamos a nossa terra, que naturalmente se orgulha de sêr a sua tambem.

Pergunta inocente—Informadores a soldo de interessados, despejaram pelas colunas dos jornais do Porto e de Lisboa oratoria apologista do projeto do sr. dr. António Fonseca sobre o plano de obras da barra e ria de Aveiro.

Um deles foi bater á porta do dr. Pedro Chaves, ilustre senador nosso representante em côrtes, que escreveu em consciencia o que em consciencia tinha que dizer, e que dirá quando fôr da discussão do projeto no parlamento.

Ninguem, porem, até agora viu em letra redonda o relate dessa entrevista.

Pergunta-se: porquê? Não serve; é das que não serve aos fins para que a soldo andou o informador.

Naquela secção das gazêtas citadas não convém coisa que contrarie a «*patriótica* e *desinteressada*» acção dos *regionais* que tudo aquilo pagam por bom preço. Mas serve para ilucidar os ingenuos que em tal patriotismo e em tal desinteresse acreditaram, e para esse efeito a publicaremos nós aqui, visto como para a publicidade foi feita. Virá em breve.

E continuem dizendo que a nossa campanha é de estôrvos, que sômos inimigos da barra, que a origem da nossa oposição se filia nesta ou naquela causa, por este ou por aquele motivo.

O que aqui se disse desde o inicio da questão é o que está no animo de toda a gente que vê e compreende o que o *patriotismo* dos *desinteressados* tinha em mira. E' o que diz o dr. Pedro Chaves com a competencia que ninguem póde negar-lhe.

E' o que dirão outros amanhã, nas camaras, na altura em que a proposta volte a lume. E' o que se sabe já em toda a parte, porque ha muito, pela nossa persistente acção, se verificou que é. E' o que tem de sêr porque o que tem de sêr tem muitas força, e não ha subtileza, ardil, engenho e arte que o desfaça. Não ha discursos, não ha conferencias, não ha entrevistas, não ha jornais nem fornecedores de imprensa que o aniquilem. E nem mesmo esse delicioso sonho das candidaturas *regio-nalistas*, peça magica em quatro actos e varios quadros, pateada em toda a linha por um publico já cansado de farças e de comedias, de operas bufas e de exibições burlêscas.

Nova insidia

Apareceu no *Mundo* de 4.ª feira uma nova carta do sr. Alberto Souto em que se disfruta a pretenção de responder áquela em que o sr. dr. Barbosa de Magalhães o fustiga duramente.

E' um novo capitulo da sua odisseia de violento exaspêro pela falencia das suas esperanças nas pretendidas coisas da barra. Não discute, não se defende; insulta, baralha, confunde, morde-se, torce-se, arrepela-se, agatanha-se, fere-se, define-se uma vêz mais.

E conclue: «não tenho querido e nem quero nada da politica».

Sabe-se isso. Nem exerceu o cargo de juiz do Tribunal-do-trabalho em Aveiro; nem exerce ainda o de tesoureiro da Junta-geral do distrito; nem pretende uma cadeira de professor na Escola-industrial, unico fim por que tanto se esfalfa por ela... em nome dos interesses da cidade!

Isenção e patriotismo ali chegaram.

Mas não lhe deu para mais. Os outros foi que deram em descobrir-lhe a especie, e porisso é que a colera lhe armou agora o animo para a calunia. Desta segunda vez trata o sr. dr. Barbosa de Magalhães pelo «sr. ex-ministro». Ora o sr. *ex-Ratola!*

*

A proposito duma nova insidia com que se nos dirige tambem, enviámos na propria 4.ª feira á redação do *Mundo* a seguinte carta:

«*Ex.mo sr. diretor do Mundo*.—Acabo de lêr no seu jornal de hoje a segunda das duas cartas que o sr. Alberto Souto, lhe dirigiu a proposito da eleição de deputados por este circulo.

E' o proseguimento de outros escritos com que em vão pretende atingir-me e ao sr. dr. Barbosa de Magalhães, compensando-se em insultos dos espinhos em que na mesma eleição se feriu.

Em vão, sem duvida, porque alem de não ofender quem quer, falta absolutamente á verdade em todos os pontos de ataque.

Em Aveiro sabe-se bem tudo isto. Mas ele escreve para os leitores que o *Mundo* tem fóra daqui e que por ignorancia dos factos e desconhecimento do individuo podem julga lo verdadeiro.

No ultimo periodo da sua nova carta ha uma alusão que não deixo passar.

Quem lêr aquilo ha de julgar, pela forma porque está posto, que eu algum dia pedi ao sr. Souto ou ao *Banco-regional*, unica sociedade de cuja direção faz parte, alguma coisa em troca de serviços que lhe prestei.

Refere-se, de certo, o sr. Souto, á publicação dum anuncio que lhe pedi para o *Campeão das Provincias*, mas cuja publicação, mal o sr. Souto, para desculpar a promessa a outro feita, me falou em *sortes* entre as gazêtas locais, me dispensei de fazer, não voltando mais a falar-lhe em semelhante assunto. Disse algures o sr. Souto que eu tinha feito um prêço exorbitante a esse anuncio. E' falso. Não falámos em prêço. Não tornámos mesmo a abordar êsse caso.

Esta é que é a verdade inteira, a unica verdade, que o sr. Souto altéra pela forma capciosa por que ao *Mundo* conta o facto.

Se assim não é, que o sr. Souto pela sua honra afirme publicamente o contrario, ou diga a que outro caso quer referir-se.

E os leitores do *Mundo* que aquilatem, por aquela forma de dizer, quantas mais *verdades* andarão nas suas cartas ao *Mundo*.

Agradecendo a publicação destas linhas, subscrevo-me de v. etc.

Firmino de Vilhena.

Conversarêmos mais largamente, sr. ex-Ratóla.

Professias do... Bandarra

II

«E os politicos onde estavam? O sr. Egas Moniz que fazia? Que fazia o sr. Barbosa de Magalhães?

O sr. Barbosa de Magalhães ministro, deputado, *leader*, quantas vezes falou dos interesses de Aveiro no parlamento?

Discursando tantas vezes sobre as questiunculas em que o parlamento perdeu dois grandes anos, porque não discursou uma vez só sobre a sua terra natal?»

Era ao tempo em que o sr. Souto, deputado ás côrtes constituintes, «estudava como ninguem mais os problemas que interessavam á terra». Naturalmente, dos seus logares, os srs. drs. Egas Moniz e Barbosa de Magalhães aguardavam os resultados desse estudo magistral e colossal, no proposito de lhe darem o seu incondicional apoio, esperançados tambem em ouvir o verbo inflamado e quente do tribuno, que tão alto soube erguer o patrio nome, no vôo de aguia em que fêz a trajetoria da sua vida parlamentar.

Onde estava a luminosa e insinuante figura de Alberto Souto, quem ouviria as apagadas personalidades dos drs. Egas Moniz e Barbosa de Magalhães? Bradaria aos ceus.

E por que «ninguem mais fez um trabalho egual» ninguem mais falou. Nem o ministro, nem o deputado, nem o *leader*. Não era necessario. Alberto Souto tinha feito tudo. A cornocopia das graças derramara por sua mão sobre a terra que habitamos as bemaventuranças que ela está usufruindo, mercê da palavra decisiva, do gesto forte e da acção poderosa do sobredito, que daí a pouco recebia, nos braços do povo agradecido e no seio ubere da mãe-patria, o fruto da semente então lançada á terra: o *Banco-regional*, de cujo balcão hão de ditar-se ainda as leis do mundo.

Depois de Demóstenes, ele. Depois do «London Bank. Lda.», em Inglaterra, o *Regional* em Aveiro.

*

Ao sr. dr. Barbosa de Magalhães mais não cabia depois disto do que «limitar-se a organisar em Aveiro as comissões politicas do seu partido». E foi assim, e com o nosso insentivo e «a cegueira partidaria» das mesmas comissões, que nem sequer tiveram em conta os seus serviços relevantes, não prestando as considerações devidas ao salvador, que se lhes lançou o cartel ou a declaração de guerra, que o fez «levantar a luva» e vir ao campo dar-nos batalha.

Veio e venceu. Ele só. Ele, o grande eleitor, que sosinho traz consigo o Bonsucesso e redondezas.

Vai longe. Hão de vêr que potencia eleitoral o Bonsucesso produziu. Não riam, que isto é serio. Pois não era

«Isto um feudo certo e uma mina inexgotavel dos srs. Egas Moniz e Barbosa de Magalhães?»

O sr. Souto surgiu dali com todo o seu poderoso sequito de *Carrácas*, e transformou dum golpe a situação.

Hoje o senhor feudal é ele. A posse e dominio eleitoral do concelho está na suas mãos. Nas suas e um pouco tambem nas do Elisio e nas do Livio. Tres pessôas distintas e uma só mais pequenina. Mas como os homens se não medem aos palmos, não se afira da sua incontestavel grandeza moral e politica pela pequenêz do corpo, quasi liliputeana.

Uma eleição na mão dos tres, é pela certa. Mormente quando, como agora, haja que encher as urnas de papelinhos monarquicos...

*

«A cegueira partidaria absolvia a traição á nossa terra. Sem considerações de nenhuma ordem, rompiam se as hostilidades.»

Aqui, ha que falar a serio.

Reedita-se a caluniosa asserção de que o sr. dr. Barbosa de Magalhães atraiçoou os interesses de Aveiro!

Atraiçoou como e quando? Acudindo com importantes subsidios, quasi que consecutivos, a todos os organismos administrativos locais? A' Camara, á Junta-geral, á Misericordia, ao Asilo-escola, á Junta da barra, ao liceu? Aplanando dificuldades a todos eles para manterem mais desafogada existencia? Organisando-os, aos srs., a si proprios, que por ignorancia que os não honra se haviam constituido sem observancia de formulas especiais de que lhe resultaria a dissolvencia imediata? E a questão da Caixa-económica?

Será a tudo isto que os srs. chamam traição? Mas nessa altura—ouvimo-lo nós aos srs.—chamaram-lhe benemerito.

Porque o deixou de sêr agora? Porque se opõe, como patriota e defensor dos verdadeiros interesses da cidade, ao pretendido arranjo, em que os *regionais* entrariam como donos, senhores, dominadores na Junta-autonoma da barra e ria de Aveiro. Lá se lhes vai o sonhado emprestimo, lá se lhes vão as lesirias da Vagueira, lá se lhes vai a isenção do imposto sobre o bacalhau da empreza, lá se lhes vai a poderosa arma politica que a «autonoma» seria nas suas mãos, lá se lhes vai toda a fortuna em que punham todas as suas melhores esperanças, o negocio, o mando, tudo enfim.

Aí está no que consiste a *traição* do sr. dr. Barbosa de Magalhães, a razão porque lhe deram batalha, porque tentaram arreda-lo do parlamento, porque gastaram não vinte mas trinta e tantos contos na eleição, porque promoveram conferencias, porque deram almoços, porque pagaram caras as entrevistas *concedidas* ás gazêtas de grande circulação, porque lhes pagam ainda insidiosos *sueltos* que se não fazem de graça, e até porque nós somos os «responsaveis» do *gachis* em que se encontram.

Eis tudo em pratos limpos. A *traição* do sr. dr. Barbosa de Magalhães e a nossa á terra, é esta: não os deixar crescêr e medrar mais, á sombra e custa dos apregoados interesses da cidade, em nôme dos quais falsamente falam e com os quais em vão pensavam defender-se.

Quais interesses da cidade, qual cabaço! O que eles pretendem defender são os seus, os interesses proprios, os interesses da tal empreza ou sociedade que entre si constituiram, e que vêem ameaçados, se não perdidos, por efeito da acção moralisadora do *Campeão* e daquela que, necessariamente, hão de exercer no parlamento os nossos representantes em côrtes.

Aí é que lhes dóe. A ferida é essa, que nem á força de vesicatorios deixará nunca de sangrar.

Carteira de apontamentos

Fertas de familia:

Fazem anos

Hoje, o sr. Antonio Corrêa d'Oliveira.

Amanhã, as sr.as D. Joana Marques Gomes, D. Belmira da Cunha Santiago e o sr. José Nunes da Silva Sobrinho.

Em 1 de agosto, os srs. Fernão Vilhena Coucheiro da Costa e João Augusto Monteiro Cancela.

Em 2, a sr.ª D. Maria d'Assumção d'Oliveira Pinto de Sousa e o sr. Francisco Assis Marques Gomes.

Em 3, os srs. Antonio Ferreira Vieira, Jacintho Agapito Rebocho e p.e Lourenço da Silva Salgueiro.

Em 4, a sr.ª D Aurora Pinto Basto e o sr. Tristão d'Araujo Barcelar Junior.

Em 5, a sr.ª D Amelia Marque Pinto.

◆ Com felicidade deu á luz uma creança do sexo feminino a esposa do considerado comerciante desta cidade, sr. Manuel Maria Moreira Muitas felicidades.

Visitas:

Estiveram em Aveiro os srs. Filipe Temudo, Domingos Luiz da Conceição, dr Joaquim Borrêgo Cameira, dr Tito Ferreira Santos, Manuel Maria da Conceição, Angelo Rosa, Orlando Peixinho, João de Moraes Machado, Antonio Augusto Amador, e filho e Antero Simões de Araujo.

Em viagem:

Acompanhado de sua esposa chegou a Aveiro, onde vem passar este periodo, o sr. Luiz Simões Peixinho.

Termas e praias:

Com sua esposa seguiu para a Curia o nosso amigo, sr. Pedro Gonçalves.

◆ Retirou com sua filha para a sua pitoresca vivenda de S. Tiago a sr.ª D. Maria Emilia da Cunha Pereira

◆ Tambem já se encontra no Farol o capitão-medico de cavalaria 8, nosso presado amigo, sr. dr. José Maria Soares.

Enfermos:

Tem estado gravemente enferma uma filhinha do nosso amigo e ativo comerciante desta praça, sr. Antonio Osorio.

◆ Não tem passado bem de saude, sofrendo de uma dôr siatica, a sr.ª D. Margarida Lopes.

Maia Magalhães

De passagem para Sabrosa, onde vão passar algum tempo, estiveram hontem em Aveiro o nosso querido amigo e ilustre governador de Cabo Verde, sr. tenente-coronel Maia Magalhães e sua esposa.

Movimento local

Anotações do passado (1920) — *Dia 30 de julho.* — Começa a edificação de alguns predios no local que foi o do *Mercado Manuel Firmino.*

Dia 31—Vem nova remessa de tabaco, formando-se uma *bicha* enorme á porta do depositario respectivo.

Dia 1 de agosto—Começa a debandada de familias para as praias e termas do paiz.

Dia 2—Visitam a cidade varios aquistas da Curia e Bussaco.

Dia 3—São condecorados pelo governo francês varios oficiais portuguezes e americanos com serviços na guerra.

Dia 4—Alastra nas aldeias a epidemia da variola.

Dia 5—Dão-se alguns casos tambem do mesmo flagelo na cidade.

Exames.—Resultado dos exames da 7.ª classe de letras no liceu de Aveiro: Armindo Henriques Barata, 10 valores; Liborio Simões de Araujo, 12.

7.ª classe de sciências—Alberto Oleastro, 10 valores; Antonio D. de Oliveira (esperado em sciências); Antonio da Silveira, 15; Carlos da Naia Sarrazola, 17; Carlos Guedes Pinto, 16; Carlos de Vasconcelos, 13; Emilio Guerra de Moraes, 11; Fernando Magano; 18; Francisco Mendes, 14; Francisco Cruz, 12; José Craveiro, 10; José Joaquim da Costa Junior, 15; Manuel Antonio Rodrigues, 13; Manuel Simões Carrelo, 14; Manuel Oliveira Barreto, 14; Domingues de Sá (esperado em sciências); Regerio Montes (esperado em sciências).

Exames de admissão aos liceus—As provas escritas destes exames começam no dia 1 de agosto ás 10 horas da manhã.

Transitaram da 1.ª para a 2.ª classe da Escola primaria superior de Aveiro:— Julieta Carvalho dos Reis, Maria da Apresentação Casimiro Marques, Rosa das Neves Rocha, Maria de Oliveira e Sousa, Noémia Trindade e Silva, Ilda Simões Canha, Maria de Lourdes S. Canha, Alzira Ferreira do Vale, Belundina da Costa Lourenço, Manuel da S. Marcela, Edeviges de Melo, Idalinda Ferreira, Maria da C. Andias Pascoal, Maria Suceena e Graça, Maria do Carmo Seabra, Rosa Borges de Almeida, Emilia Simões de Lemos, Mercedes de Oliveira Biu, Rosinda da Fonsêca; Zelia Gonçalves Guimarães, La Salette da Conceição Rocha, Clotilde Gonçalves Guimarães; João José de Pinho, Maria da C. Antunes da Cruz Neves; João da Naia Velhinho, Carmelina da Tavora Lobo, Adélia das Dores Gonçalves Guimarães, Maria Eduarda Miler de Magalhães, Maria Eugenia Sereno Antunes, Isabel Mateus Ferreira, Amelia de Jesus Diniz, Maria Luiza Ferreira da Maia, Rosalina de Oveira, Irene de Andrade Costa, Caridade Marques E. de Rezende, Beatris Fernandes Matias, Manuel Simões Vagos Junior, Vitor Lourenço de Castro, Fernando Ferreira da Maia, Maria da Fonseca Deus, Maria Amelia de P. das Neves, Maria da Apresentação de P. das Neves, Leonor Diamantina Gonçalves Penha, Maria da Piedade Mendes, Maria José Monteiro Ventura, Maria Adelia Pereira da Silva, Judite Vitória Gomes da Silva.

Transitaram da 2.ª para a 3.ª classe:—Felismina Pinho da Rocha, Hortensia de Oliveira da Silveira Serejo, Ana de Oliveira Serejo da Silveira, Aurora dos Anjos Calado de Almeida, Teresa de Jesus, José Marques, Maria Cardoso Marques, Luciana Ruela de Almeida Ramos, Guilhermina Paula da G. Namorado, Ernesto Nunes Vidal, Adelia dos Santos Jorge, Palmira de Oliveira Santos Jorge, Virginia da Anunciação Andias, Maria Gonçalves Galante, Manuel de Deus da Laura, Isaura Luiza Neves, Fernando de Jesus Pereira, José Nunes de Figueiredo, Mauricio Bernardo, Irene Trindade Ferreira, Luiza Fernandes Peixinho, José Martins Píres, Maria do Céu Cunha, João Alves Ribeiro, Maria dos Anjos Bartolomeu, Domingos Magalhães, Conceição de Jesus Bilelo, Miguel França de Almeida Sobreiro, Maria Celeste, Maria Preciosa Dias, Luciana Rodrigues Correia, Verónica La Salette Correia, Emilia da Mota Leitão, Manuel Alves Ribeiro, Maria Adozinda Ferraz da Cunha e Costa, Maria Adelaide Ferraz da Cunha e Costa.

Escola normal.—*3.º ano* (periodo transitorio) — Fizeram o exame e ficaram aprovados: Americo Dias Urbano, Maria Eduarda Mota da Silva Ribeiro, Rosa Simões Chuva, Olinda Mugeis Bernardo, Angélica Lopes, Idalina Lopes Fernandes Costa Maria da Gloria Ferreira Sucena, Cecilia Moreira Seabra, Carmen de Seabra, Maria da Conceição Estima, Ernestina dos Prazeres Marques Lopes.

Desde já se dão na secretaria da Escola-primaria-superior de Aveiro informações aos interessados sobre a matricula no proximo ano lectivo. A essa matricula, que deve efectuar-se no proximo mes de outubro, são admitidos os alunos que tenham a 5.ª classe do curso primário geral, ou o antigo exame do 2.º grau ou o exame de admissão.

Escolas moveis.—Até o fim do corrente mês devem requerer exames os candidatos das Escolas moveis, perante a direção da Escola-primaria-superior de Aveiro.

Gralhas.—Como por vezes sucede, e não só a nós como a todos, o nosso numero passado saiu com varias incorreções. Entre elas ha a omissão de duas palavras, que altera inteiramente o sentido da escrita.

Referimo-nos á nota dada sobre a *Caixa-economica de Aveiro.* Escrevêmos: «ainda por fazer á Misericordia». O compositor saltou, e nós emendámos a prova. Pois na precipitação ou falta de teflexão com que se fizeram varias emendas, aquela omitiu-se.

Foi sem proposito, diz-nos o empregado, e temos que acredita-lo porque é incapaz de faltar á verdade.

Entretanto o caso deu logar a uma reclamação judicial. Assumimos dela a responsabilidade. Mas, diga-se em abono da justiça a todos devida, que não desconhecemos a formula legal da quitação em escrituras daquela especie, e que de indesculpavel ignorancia seria a falta daquelas duas palavras no periodo.

Falta de espaço.—Havendo que introduzir no numero de hoje composição que perderia a oportunidade, sacrificamos outros escritos de interesse, que a não perdem e que irão nos numeros subsequentes.

Pela Imprensa.—Por lapso involuntario deixou de ser mencionado, no nosso n.º de sabado ultimo, que o artigo *Dr. Afonso Costa,* dado em fundo, pertence ao nosso colega lisbonense a *Democracia.*

O *Setubalense* tem trazido ultimamente varias gravuras, e entre elas uma do antigo Convento de Jesus e outra do Canal das Piramides.

Por motivo da saida do nosso diretor para as Caldas de Lafões, onde conta demorar-se uns vinte dias, toma a dirigencia do *Campeão* o nosso presado camarada de redação, sr. Marques Gomes.

A escolha do meio

Se ha por esse mundo fóra tantos debilitados, tantos anémicos, tantos neurastenicos, isso resulta grandemente do facto de semelhantes desherdados da saude não saberem discernir qual o tratamento que melhor lhes convém.

A depressão fisica que veio feril-os privou-os da faculdade de formar exata ideia do seu estado. O enfraquecimento das funções vitaes que se lhes manifesta nos organismos causa-lhes a apreensão de terem uma lesão organica qualquer, quando a verdade é provir esse fenomeno simplesmente dos orgãos deixarem de encontrar no sangue elementos nutritivos bastante ricos e abundantes, e por tal motivo definharem, por assim dizer, de consumção. E tanto isto é verdade, que se se restitue ao sangue a sua riqueza normal, os orgãos recuperam insensivelmente a sua atividade, e as forças vão pouco a pouco renascendo.

A reconstituição do sangue, eis em que consiste, pois, todo o segredo da saude para os debilitados, extenuados e anemicos:—e o tratamento mais apropriado a essa reconstituição, — aquele cujo exito, ha mais de 30 anos confirmado, é uma segura garantia de eficacia,—é o tratamento das Pilulas Pink, que regenera e purifica o sangue, e tanto mais facilmente auxilia a reconstituição dos organismos debilitados, quando é certo possuir egualmente notaveis propriedades, como tonico do sistema nervoso.

As Pilulas Pink são afinal o especifico universalmente conhecido e apreciado de doenças e incomodos, tres como a anemia, a clorose, a neurastenia, o reumatismo, as dôres de cabeça, as doenças e dôres de estomago,—que têem por origem um empobrecimento do sangue, ou um enfraquecimento do sistema nervoso.

As Pilulas Pink estão á venda em todas as farmacias pelo preço de 950 reis a caixa, 5$300 reis 6 caixas. Deposito geral; Farmacia e Drogaria Peninsular, rua Augusta, 39, a 35, Lisboa.

Para sêr foamosa não basta ter a cutis rosada; é preciso cuidar diariamente da epiderme do rosto e das mãos. Para isso o melhor produto é o **Créme Sidon** (sem pronome), cujo valor higienico está consagrado por 60 anos de exito. Não empregueis com este excelente prepado outro pó que não sejs o **Pó de arroz Simon** com violeta ou heliotropo.

Grande marca franceza.

Cartaz do CAMPEÃO

EDITAL

Gustavo Adolfo de Parada e Silva Leitão, oficial das alfandegas e chefe da Delegação Aduaneira de Aveiro;

FAÇO saber que, por espaço de oito dias a contar da data do presente edital se, acham em reclamação para serem entregues a quem provar pertencer-lhe os salvados do casco e carga do hiate portuguez «Cabo Razo» da praça de Lisboa, naufragado á saida da barra desta cidade.

Para constar se passou o presente e outros de egual teor que vão ser afixados em logares publicos do costume.

Delegação aduaneira em Aveiro, 30 de julho de 1921.

Pelo chefe.

Fernando Alves Lopes Cardoso.

CHAUFFEUR. Oferece-se um, com todas as habilitações. Diz-se aqui.

Comarca de Aveiro

DIVORCIO

(Publicação unica)

PARA os devidos efeitos se anuncia que, por o Juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º oficio, que este subscreve, se processaram e correram seus termos uns autos de acção especial de divorcio por mutuo consentimento em que foram requerentes João André Alão, carpinteiro, e mulher Zulmira Nunes Vidal, domestica, ambos da Chousa Velha, freguezia de Ilhavo, desta comarca.

E nos mesmos autos, por sentença de 20 de outubro de 1920, que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjuges. O que se anuncia para os efeitos legaes.

Aveiro, 21 de junho de 1921.

Verifiquei.

O juiz de direito substituto,

Alvaro de Monra Coutinho d'Almeida d'Eça.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

Comarca de Aveiro

DIVORCIO

(Publicação unica)

PARA os devidos efeitos se anuncia que por o Juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º oficio, que este subscreve, se processaram e correram seus devidos e legaes termos uns autos de acção especial de divorcio litigioso em que foi autor Tobias da Maia Modesto, casado, jornaleiro, de Aveiro, e ré sua mulher Ludovina Marques ou Ludovina de Jesus, tambem de Aveiro.

E nos mesmos autos, por sentença de 1 de junho proximo findo que transitou em julgado, foi decretado o divorcio definitivo entre os conjuges, com o fundamento no artigo 4.º n.º 5 do Decreto de 3 de novembro de 1910.

Aveiro, 21 de julho de 1921.

Verifiquei. O Juiz de direito,

Albuquerque Barata.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flameugo.

HERPETOL

DA UM

Alivio instantaneo

SOFRE DE COMICHÃO provocada pelo ECZEMA e outras DOENÇAS da PELE? A aplicação de umas gotas de HERPETOL fará desaparecer rapidamente a comichão.

O HERPETOL CURA. A atestá-lo temos os inumeros pedidos recebidos desde que foi lançado no mercado este medicamento, que tem realisado CURAS MARAVILHOSAS. A acção do HERPETOL é muito poderosa, penetra na pele e ataca os germens que se encontram nos tecidos, os quaes são a causa de todo o mal. E' de um maravilhoso efeito para limpar a pele de ESPINHAS, ERUPÇÕES, MORDEDURAS DE INSECTOS, ECZEMAS HUMIDO e SECO e CROSTAS DURAS.

Não hesite e compre um frasco de HERPETOL, o melhor remedio que até hoje aparecu.

A' venda nas principaes farmacias e nos depositos, em Lisboa, Rua da Prata, 237, 1.º, e Porto, Rua Passos Manuel, 65.

Comarca de Aveiro

EDITOS DE 30 DIAS

(2.ª publicação)

POR este juizo e cartorio do quarto oficio, com o beneficio da assistencia judiciaria, Maria da Cruz Ferreira, casada, guarda da linha ferrea das Quintãs, move contra seu marido Joaquim Fernandes, antigo guarda freio da Companhia-portugueza dos caminhos de ferro, ausente em parte incerta, uma acção de divorcio em cuja petição a autora alega: Que casou, com o reu em sete de agosto de mil nove centos e quinze, segundo o costume do paiz, não havendo filhos deste matrimonio; Que o reu abandonou o domicilio conjugal, ha mais de dois anos, e se internou no hospital de Santa Marta, de Lisboa, por ser portador de molestia infeciosa, de natureza incuravel, tendo contaminado a autora e deixando-a em estado perigoso e incuravel.

E em cumprimento de um despacho proferido nos autos correm editos de trinta dias a contar da primeira e ultima publicação deste, no respectivo jornal, chamando e citando o referido reu para na segunda audiencia deste juizo posterior ao praso dos editos vér acusar a citação e seguir até final todos os termos da referida acção para os quaes fica tambem citado, sob pena de revelia.

Aveiro, 27 de junho de 1921.

Verifiquei

O juiz de direito substituto em exercicio,

Alvaro de Moura Coulinho de Almeida d'Eça.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

POR o juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo, no inventario orfanologico a que se procede por falecimento de Manuel Nunes Vidal, viuvo de Maria Vieira dos Santos, lavrador, que foi morador no lugar de Vale de Ilhavo de Cima, freguezia de Ilhavo, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Antonio Nunes Vidal, casado, lavrador, filho do inventariado, residente no mesmo lugar, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação deste no respectivo jornal, chamando e citando os seguintes interessados, todos ausentes em parte incerta:

Alvaro Nunes Vidal, solteiro, maior, filho do inventariado, João Maria Nunes Vidal, filho do inventariado, e mulher cujo nome se ignora, Maria Emilia Vieira dos Santos, filha do inventariado, e marido Manuel de Oliveira Vidal, e João de Oliveira Vidal, genro do inventariado, casado com a filha Rosa Vieira dos Santos, para assistirem a todos os termos até final do referido inventario e nele deduzirem a impugnação ou oposição que tiverem, nos termos da lei, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na comarca, sob pena de revelia.

Aveiro, 23 de abril de 1921.

Verifiquei.

O Juiz de direito,

Alvaro de Moura Coutinho de Almeida d'Eça.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

Comarca de Aveiro

Editos de 30 dias

2.ª publicação

POR o juizo de direito desta comarca e cartorio do escrivão do quarto oficio—Flamengo, no inventario orfanologico a que se procede por falecimento de Margarida Marques, casada, domestica, que foi moradora na rua do Coronel Rego, de Eixo, desta comarca, e em que é inventariante o cabeça de casal Calisto Marques, viuvo da inventariada, jornaleiro, residente no mesmo lugar, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação deste no respectivo jornal, chamando e citando os interessados Manuel Marques Ferreira, filho da inventariada, casado com Ana Marques, ausente em parte incerta da Africa, e Ricardo Ferreira Marques, neto da inventariada, e mulher Matilde Marques, ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do referido inventario, deduzindo nele a oposição ou impugnação que tiverem nos termos da lei, e constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca, sob pena de revelia.

Pelo presente são citadas todas e quaesquer pessoas incertas que se julguem interessadas no aludido inventario para nele deduzirem os seus direitos nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 11 de maio de 1921.

Verifiquei.

O Juiz de direito,

Albuquerque Barata, Visconde de Olivã

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

Banco Nacional Ultramarino

Banco emissor para as Colonias portuguezas

Sociedade anonima de responsabilidade limitada

SÈDE EM LISBOA

Rua do Comercio

Capital autorisado.....	esc. 48 milhões
Capital realisado.....	esc. 24 milhões
Fundo de reserva.....	esc. 24 milhões

Filial de Aveiro

Aluguer de cofres fortes

Instalações que garantem a maior segurança contra o roubo e incendio.

Cada locatario recebe a unica chave fabricada especialmente para o seu compartimento podendo á sua vontade estabelecer o segredo da fechadura.

Compartimentos com dimensões diversas.

R. M. S. P.

MALA REAL INGLEZA

PAQUETES CORREIOS A SAIR DE LEIXÕES

Araguaya, em 8 de agosto

Para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe esc., 480$00.

(Impostos compreendidos)

Este paquete sae de LISBOA no dia seguinte e mais os paquetes

Avon, em 5 de setembro.

Para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe esc., 480$00

Impostos compreendidos

Andes, em 23 de de agosto.

Para Madeira, Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro, Santos, Montiveu e Buenos-Ayres.

Preço da passagem em 3.ª classe esc., 480$00

(Impostos compreendidos)

Na agencia do Porto podem os srs. passageiros de 1.ª classe escolher os beliches á vista das plantas dos paquetes, MAS PARA ISSO RECOMENDAMOS TODA A ANTECIPAÇÃO.

AGENTES

NO PORTO: **TAIT & Co.** 19, Rua do Infante D. Henrique

EM LISBOA: **JAMES RAWÊS & C.º** Rua do Campo Santo, 47-1.º

CONFEITARIA MOURÃO, SUC.ra

TEM sempre os mais finos dôces de ovos, especialidade da terra. Serviços variados para chá, lanches e sobremeza, de escolha esmerada.

Despacha nas melhores condições para todos os pontos do paiz, Africa e Brazil.

Descontos aos revendedores. Ovos moles em latas ou barricas de variados gostos e tamanhos. Mariscos da ria de Aveiro, em conserva. Saborosas enguias assadas á pescador.

Rua Coimbra—AVEIRO.

A. D. MARQUES

RUA DO OURO, 200

LISBOA

Bijouterias—Ferragens e cutelarias—Novidades

Todos os artigos de importação alemã.

Carvão de forja.

Vende generos alimenticios e diversos cereais.

Bicicleta 'Alcion,

A melhor marca franceza

A mais acreditada em Portugal

Modêlo "Touriste-légére

COM 2 TRAVÕES E GUARDA-LAMAS

Esc. 380$00

PEDIDOS AOS AGENTES

Lopes Vieira, Ltda., Rua de S. Paulo, 111

LISBOA

Impõem-se aos que primam pelo bom gosto e prezam a econonomia.

Os mais sensacionais sortimentos em tecidos chics e de maior novidade para

FATOS DE VERÃO, inverno e meia-estação

Vêr as exposições e observar os preços sem receio de confrontos é para o publico uma questão de capital interesse

Amadeu & Santos, L.da

Chapeus e confeções para senhora e creança

Sempre novidades no atelier da rua Coimbra, n.º 9—AVEIRO. ALZIRA PINHEIRO CHAVES

Secção àparte

UM

Questão n.º 41 no julgamento realisado em 22 de maio de 1913 no Tribunal desta comarca.

41.º—A circunstancia atenuante de ter o arguido (Arnaldo Ribeiro) sido sempre um homem de bem, e julgar-se incapaz de praticar actos que repugnem ao meio social em que vive, está ou não provada? Não está provada.

Aveiro, sala das sessões do Juizo-comercial, 22 de maio de 1913.

José do Nascimento Ferreira Leitão, Pompilio Simões Souto Rabola, Eduardo Augusto Vieira, Gonçalo Nunes dos Santos, João Mendes da Costa, Joaquim Marques Machado, Manuel Vieira da Siva, Joaquim Fernandes Rangel, José Augusto Ferreira.

(Da *Liberdade* n.º 119, de 29 de maio de 1913)

. . . . . .

«Não costumamos dar explicações quando nos ascam infamias.

Não costumamos responder quando nos atiram calunias.

Só quem nos não conhece, ignora a estoica e imperturbavel serenidade com que olhamos para os escribas que se entretêem a moder-nos e o superior despreso com que, no nosso silencio, respondemos aos malandrins que, de esquina em esquina, de vez em quando, se vão entretendo em espalhar a lama que nós haveremos de calcar.

Mas a calunia suja, quando não queima, diz-se.

E' a lama que os apaches morais fazem nas ruas com as suas palavras: enlameia as solas das botas que se calcam.

Peguêmos, pois, numa escova, a sacudir-nos bem das acanalhadas insinuações que por ai andaram á nossa roda!»

(Da *Liberdade* n.º 89 de 24 de outubro de 1912)

O OUTRO

Ordem do exercito n.º 10, 2.ª serie, de 27 de abril de 1909.

Reforma o capitão do regimento de infantaria n.º 23, Francisco Manuel Homem Christo, submettido a julgamento do Conselho superior de disciplina do exercito, nos termos do paragraphe 1º do art.º 106.º do Regulamento disciplinar do exercito (a) approvado por decreto de 12 de dezembro de 1896, em conformidade com a opinião do mesmo Conselho.

. . . . . .

«Publicamos hoje mais um bocadinho da edificante prosa do famigerado *escroc* de Arnellas. Com tão elogiosas referencias á *radiosa* monarchia, não admira que o Christo por ella combata com aquella sinceridade com que alcunhava o seu pasquim de *semanario republicano*.

Na sua qualidade de livre pensador e para não desgostar os proselytos da Companhia de Jesus, que lhe untam as unhas sempre que é preciso vomitar a sua bilis contra a Republica-portugueza, o miseravel a cada passo fala em Deus com aquella fingida fé com que diz combater pela salvação de Portugal.

O miseravel! O cynico!»

(Da *Liberdade* n.º 25, de 27 de julho de 1911.)

(a) Incapacidade moral.

Todos juntos

. . . . . .

«Mas como se explica que sendo assim, o dr. Marques da Costa, não tivesse ele fundado uma liga antes da Republica e se conservasse tanto tempo na monarquia e só depois da Republica apareceesse tão cioso de republicanismo e de moralidade que até já os republicanos historicos e que tanto trabalharam pela Republica, para ele são suspeitos a ponto de se separar de todos os seus colegas do Parlamento e do resto das comissões do distrito para fazer uma liga da sua propriedade? Não se sabe.»

(Da *Liberdade* n.º 120, de 5 de junho de 1913).

. . . . . .

«E' certo que o sr. dr. Marques da Costa já pessoalmente peranté nós repudiou essa parte da infelicissima moção da sua gente—o mestre Elisio deu raia naquele ponto—e já nos declarou que tal coisa (que o *Mundo* se recusou a publicar) não seria aprovada se presente estivesse á reunião.

E' certo isto. Nem de outra forma o dr. Marques podia agora proceder para com os seus colegas para com quem tantas vezes já, menos convenientemente tem procedido e mesmo porque ele sabe como as coisas se passam e porque tirado de ao pé do amigo Elisio e de outros exaltados que o levam a situações tristes, é mesmo um bom rapaz que chega ás vezes a ser sensato.

(Da *Liberdade* n.º 121, de 12 de junho de 1913)

. . . . . .

«Não foi furta-côres, monarquico e republicano com compromissos monarquicos como o sr. Marques da Costa foi até á beira do 5 de outubro.»

(Da *Liberdade* n.º 124, de 3 de julho de 1913).

Moralidade: é tudo a mesma coisa.